

DESAFIOS METODOLÓGICOS NA ANÁLISE DE ENTREVISTAS DE JORNALISTAS NEGRAS

Yago Raphael Massuqueto Rocha[1]

Felipe Simão Pontes[2]

RESUMO

O trabalho aborda os desafios metodológicos na análise de entrevistas com jornalistas negras na pesquisa "Carreiras de Jornalistas Negros e Negras no Brasil", destacando as fronteiras entre violências de gênero, raça e profissão. Algumas das entrevistadas não reconhecem opressões estruturais, interpretando agressões como parte da rotina jornalística. Este texto mapeia questões que decorrem do processo de realização e análise de entrevistas, inclusive os limites que essa técnica oferece ao processo de estudo.

PALAVRAS-CHAVE: Entrevista com Jornalistas; Jornalistas Negras; Interseccionalidade

CORPO DO TEXTO

Jornalistas estão expostos a diversas formas de violência em função da visibilidade pública e do teor de suas reportagens. Mulheres negras, especificamente, enfrentam ataques que podem ter motivações raciais e de gênero, mas que muitas vezes são interpretados pelas próprias vítimas como agressões decorrentes do exercício profissional, sem o reconhecimento imediato das intersecções que marcam esses episódios (Figaro, 2018).

Essa percepção levanta desafios metodológicos na análise de entrevistas, pois algumas jornalistas negras podem descrever situações de exclusão e violência que, sob uma ótica analítica, evidenciam componentes raciais e de gênero, mas que são relatadas como parte das adversidades gerais da profissão. Esse aspecto coloca o pesquisador diante da necessidade de interpretar as narrativas considerando tanto o que é dito quanto o que é negado ou naturalizado.

A análise deve levar em conta que a negação das opressões estruturais pode estar relacionada a diversos fatores, como a internalização de discursos meritocráticos, o medo de represálias ao se posicionar sobre desigualdades raciais e de gênero, ou

[1] Mestrando pelo Programa de Pós Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Bolsista CAPES. Email: yagivolk@gmail.com

[2] Professor da Pós-Graduação e do Departamento de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Email: fspontes@uepg.br

mesmo estratégias de adaptação no ambiente de trabalho. A ausência do reconhecimento explícito da discriminação não significa que ela não esteja presente, mas indica a complexidade das formas como as jornalistas negras interpretam suas experiências dentro de um campo profissional marcado por desigualdades históricas (Figaro, 2018).

A pesquisa em andamento "Carreiras de Jornalistas Negros e Negras no Brasil" avança em diferentes frentes metodológicas, estruturando-se a partir de uma revisão bibliográfica, análise quantitativa e qualitativa de dados secundários e entrevistas semi-estruturadas com jornalistas negros e negras em diferentes estágios de suas carreiras. O objetivo central é compreender as dinâmicas da trajetória profissional desses jornalistas, explorando temas como discriminação racial, sub-representação, barreiras e oportunidades de desenvolvimento, estratégias de resistência e condições de trabalho.

Para aprofundar a investigação, foram conduzidas entrevistas semi-estruturadas com jornalistas negros e negras em diferentes momentos de suas trajetórias profissionais. A amostra abrange homens e mulheres de diferentes faixas etárias e regiões do Brasil, que se autodeclararam negros, pretos ou pardos no formulário de captação de entrevistados. Essa etapa buscou explorar dimensões essenciais da experiência profissional desses jornalistas.

A entrevista pode ser compreendida como um processo de interação em que informações são coletadas a partir do relato de indivíduos sobre suas experiências, percepções e interpretações da realidade (Pereira; Neves, 2014). Embora amplamente utilizada em pesquisas qualitativas, apresenta limitações metodológicas que precisam ser consideradas.

Um dos desafios centrais da entrevista está na influência do entrevistador na construção das respostas. O processo de questionamento e a forma como as perguntas são formuladas podem moldar as respostas fornecidas, levando a interpretações condicionadas pela interação entre entrevistador e entrevistado (Pereira; Neves, 2014). Além disso, a memória dos entrevistados pode afetar a fidelidade das informações compartilhadas, uma vez que lembranças são reconstruídas ao longo do tempo e influenciadas por diferentes fatores sociais e emocionais (Pereira; Neves, 2014).

Outro aspecto é a possibilidade de os entrevistados adotarem discursos previamente estabelecidos, sobretudo quando se trata de indivíduos com experiência

na comunicação, como jornalistas. A familiaridade com a estrutura da entrevista pode levar os entrevistados a anteciparem expectativas do pesquisador ou a apresentarem respostas baseadas em discursos padronizados, dificultando a obtenção de informações espontâneas e aprofundadas (Pereira; Neves, 2014).

Durante a análise preliminar das entrevistas, uma questão central emergiu, especialmente entre as mulheres jornalistas: a dificuldade de distinguir as formas de violência e discriminação enfrentadas. Muitas relataram dúvidas sobre a origem das agressões sofridas, se eram motivadas pelo racismo, pelo machismo, pelo etarismo ou pela exposição inerente ao jornalismo.

Para ilustrar a complexidade dessas experiências, escolhi três exemplos de entrevistadas cujos relatos apresentam diferentes perspectivas sobre a violência no jornalismo. A primeira entrevistada compartilha casos de agressão física e racismo velado, enfatizando sua postura de enfrentamento.

> “Eu já sofri dois episódios de violência. O primeiro foi durante uma entrevista com o presidente do Sindicato dos Panificadores do Rio de Janeiro. Fiz uma pergunta e ele simplesmente me deu um tapa. Ninguém se solidarizou comigo naquele momento. Continuei com o gravador na cara dele e insisti: 'Você não vai responder a pergunta?' Talvez eu pudesse ter dramatizado mais a situação, mas segui adiante. O outro episódio aconteceu quando fui entrevistar Roberto Carlos em um clube, há mais de 30 anos. Um dos seguranças dele me deu um puxão para me impedir de chegar perto. Mesmo assim, consegui falar com o Roberto Carlos e finalizei minha pauta. Nunca deixei essas situações me paralisarem. Sempre fui para o enfrentamento. Fora isso, nunca sofri injúria racial explícita, mas lembro que muitas vezes as pessoas me suportavam, toleravam minha presença sem demonstrar respeito verdadeiro. Isso também é uma forma de violência emocional. Por exemplo, em uma entrevista, chegamos com uma equipe inteira de pretos — motorista, iluminador, cinegrafista, todos nós. Ele comentou: 'Nossa, só tem preto aqui.' Fiquei pensando: será que ele diria o mesmo se fosse uma equipe inteira de brancos? Esse episódio me marcou muito." Entrevista 1.

Seu depoimento sugere que a violência não ocorre apenas em situações de conflito aberto, mas também na forma de microagressões e na maneira como sua presença era percebida e tolerada, sem respeito autêntico. A segunda entrevistada traz um olhar sobre a discriminação institucional e a violência simbólica no ambiente de trabalho:

> "[...] Minha chefia direta, a coordenadora de comunicação, me chamou para uma conversa em 2022, poucos meses depois de eu ser contratada. Ela perguntou: 'Você se sente tratada de forma diferente?' Na época, eu já sentia que havia algo diferente, mas achava que era por eu ser mais jovem que minha colega [...]. Também acreditava que a diferença vinha da minha falta de experiência na área de comunicação sindical, pois era a primeira vez que trabalhava nisso. Então, quando ela perguntou se eu achava que era racismo, fiquei surpresa. Respondi: 'Eu não achava que era, mas, agora que você traz isso, não posso descartar a possibilidade. Racismo muitas vezes acontece de forma muito sutil.' Desde então, tenho pensado muito sobre isso e analisado o tratamento que recebo, que é diferente do da minha colega, embora não seja algo explícito. [...] Já senti situações de discriminação, como quando conversava com um cliente e ele respondia olhando para o meu chefe homem. Não foi um abuso explícito, mas uma forma de subestimar a minha competência. [...] Às vezes, fica difícil identificar se a desconfiança vem por eu ser mulher, negra ou jovem." Entrevista 2.

O fato de sua chefia questioná-la sobre um possível tratamento desigual levanta reflexões sobre a estrutura das relações de trabalho e como a hierarquia pode reforçar ou minimizar essas dinâmicas de exclusão. A terceira destaca a hostilidade sofrida em função de sua atuação profissional e posição política, apontando que o principal fator da violência foi sua atividade como jornalista, e não necessariamente sua identidade racial ou de gênero.

> "Eu já sofri violência como jornalista, mas de bolsonaristas. E não era por ser uma mulher negra, mas porque sou uma jornalista que se posiciona contra o genocídio, contra o nazismo, contra o fascismo. Ah, a gente estava cobrindo a retirada dos bolsominions da frente do quartel em Curitiba [...]. Foi quando vieram algumas pessoas falar

> conosco, perguntando o que estávamos fazendo ali. Eu expliquei: ‘Sou jornalista, aqui está minha identificação. Estou acompanhando a retirada.’ Uma mulher, então, começou a me filmar. Em resposta, peguei meu celular e comecei a filmá-la também. Ela disse: "Você não pode me filmar." E eu respondi: "Posso, sim. Estamos na rua, e qualquer pessoa pode filmar outra em um espaço público." Nesse momento, ela tentou partir para cima de mim. [...]. Mas, novamente, preciso destacar: isso aconteceu porque sou jornalista, não por ser uma mulher preta. Era algo inerente à profissão, não à minha identidade racial. Ali, talvez, se a situação tivesse escalado, considerando que a pessoa era bolsominion, a chance de ela ser racista era enorme. Mas não houve tempo para isso. A Polícia chegou antes que qualquer coisa pior pudesse acontecer.” Entrevista 3.

O depoimento da terceira entrevistada introduz uma nova dimensão à análise, demonstrando que a violência sofrida por jornalistas não está necessariamente atrelada à questão racial ou de gênero, mas também à atuação profissional em contextos políticos polarizados. Seu relato destaca a hostilidade enfrentada por jornalistas que cobrem temas sensíveis, colocando em perspectiva a intersecção entre liberdade de imprensa e segurança profissional.

A questão da sobreposição de opressões (raça, gênero, idade e profissão) coloca desafios metodológicos para a análise das entrevistas. A abordagem interseccional ajuda a compreender como esses marcadores sociais operam de forma combinada na experiência dos jornalistas negros e negras. O próximo passo na pesquisa será aprofundar essa análise, buscando ferramentas metodológicas que possibilitem diferenciar e interpretar os relatos das entrevistadas de maneira mais precisa. O pesquisador que analisa entrevistas com jornalistas negras enfrenta um dilema interpretativo quando as entrevistadas relatam experiências de violência e discriminação sem associá-las diretamente a raça ou gênero (Assis, 2019).

A questão central que se impõe é como tratar essas narrativas sem desconsiderar a perspectiva da entrevistada, mas também sem ignorar os marcadores sociais que estruturam as relações de poder no jornalismo. No entanto, também é necessário considerar que algumas experiências podem, de fato, não estar diretamente relacionadas a opressões raciais e de gênero, sendo resultado de dinâmicas próprias

da profissão jornalística. Essa distinção impõe ao pesquisador o desafio de interpretar os relatos sem generalizar a opressão, mas também sem ignorar padrões estruturais de desigualdade.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Dayane N. Conceição de. Interseccionalidades: Gênero, Sexualidade e Educação. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2019. Disponível em https://repositoriohml.ufba.br/bitstream/ri/30892/1/eBook%20-%20Interseccionalidades.pdf Acesso em 14 de março de 2025.

ENTREVISTA 1. Realizada em 8 de janeiro de 2025. Entrevistador Yago Raphael Massuqueto Rocha. Tempo 1:14:28

ENTREVISTA 2. Realizada em 7 de janeiro de 2025. Entrevistador Yago Raphael Massuqueto Rocha. Tempo 2:02:15

ENTREVISTA 3. Realizada em 18 de dezembro de 2024. Entrevistador Yago Raphael Massuqueto Rocha. Tempo 1:18:49

FIGARO, Roseli. O mundo do trabalho das jornalistas: feminismo e discriminação profissional. Braz. journal. res., Brasília, DF, v. 14, n. 2, p. 570-591, ago. 2018. DOI: https://doi.org/10.25200/BJR.v14n2.2018.1052. Disponível em: https://repositorio.usp.br/directbitstream/047df682-268b-48dd-823e-27e468c0dd0f/002999415.pdf. Acesso em 14 de março de 2025.

PEREIRA, Fábio Henrique; NEVES, Laura Maria. A entrevista de pesquisa com jornalistas: algumas estratégias metodológicas. Brasília, 2013, p. 96-109. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/41898/27817 Acesso em 14 de março de 2025.